471. Quando experimentamos uma sensação de angústia, de ansiedade indefinível, ou de íntima satisfação, sem que lhe conheçamos a causa, devemos atribuí-la unicamente a uma disposição física?

*“É quase sempre efeito das comunicações em que inconscientemente entrais com os Espíritos, ou da que com eles tivestes durante o sono.”*

Nessa pergunta Kardec questiona a Espiritualidade sobre sensações que todos nós já experimentamos em algum momento de nossas vidas. Trata-se daqueles momentos em que somos tomados ou por sentimentos mais tristes - tais como aflição, angústia ou inquietude - ou por um sentimento de satisfação, mas não conseguimos identificar com precisão a origem de tais sentimentos.

Kardec pergunta se esses sentimentos têm origem exclusivamente no corpo físico.

E a Espiritualidade responde que, na grande maioria das vezes, essas sensações são resultado das comunicações que estabelecemos de maneira inconsciente com os Espíritos, incluindo aquelas que ocorrem durante o sono físico.

Vale lembrar que nós não estamos impedidos de nos comunicarmos com os Espíritos quando estamos no estado de vigília, ou seja, quando estamos acordados. No entanto, essa comunicação é bem mais difícil porque as preocupações e cuidados que precisamos ter estando acordados tornam muito mais difícil a sintonia com os Espíritos. Portanto, é natural que a grande maioria das comunicações que estabelecemos com os Espíritos aconteça durante o sono do corpo físico.

Na questão 402 Kardec pergunta à Espiritualidade por qual razão nós não guardamos impressões exatas das experiências que tivemos durante o repouso do corpo físico. A Espiritualidade responde que é porque as sensações que experimentamos durante o sonho não chegaram até nós por intermédio dos órgãos físicos e por esse motivo, nossa aparelhagem não consegue registrar com precisão as experiências que vivemos como Espírito.

Da mesma forma como muitas vezes os sonhos nos parecem absurdos, ilógicos e sem nenhum fundamento, as sensações de angústia, aflição ou mesmo de satisfação são o resultado da incapacidade da nossa aparelhagem física de registrar as experiências que tivemos durante o sono físico.

É interessante essa explicação da Espiritualidade porque, de fato, muitas vezes nós já acordamos angustiados, aflitos ou tomados por uma alegria que não sabemos de onde veio. Aquele sentimento nos acompanha durante todo o dia e nós não encontramos explicação para ele.

Na resposta dada a Kardec, a Espiritualidade diz ainda que, nos encontros que temos com os Espíritos e que deixam em nós essas sensações de aflição, angústia e alegria, essas comunicações se dão de maneira inconsciente.

Quantas vezes um amigo, um familiar entra em contato conosco pouco tempo depois de termos pensado naquela pessoa? Ou alguém entra em contato conosco para nos dar notícias, boas ou más, a respeito daquela pessoa em quem estávamos pensando.

Aquele sentimento de tristeza ou aflição é uma espécie de premonição de algo ruim ou triste que acontecerá com alguém querido por mim. De maneira semelhante, posso experimentar antecipadamente a alegria por algo de bom que vai acontecer a outra pessoa ou a mim mesmo.

Resumindo: não são as disposições físicas que causam esses sentimentos. Eles são o resultado das experiências que vivemos como Espírito, seja durante o repouso físico, seja no estado de vigília.

472. Os Espíritos que procuram atrair-nos para o mal se limitam a aproveitar as circunstâncias em que nos achamos, ou podem também criá-las?

*“Aproveitam as circunstâncias ocorrentes, mas também costumam criá-las, impelindo-vos, mau grado vosso, para aquilo que cobiçais. Assim, por exemplo, encontra um homem, no seu caminho, certa quantia. Não penseis tenham sido os Espíritos que a trouxeram para ali, mas eles podem inspirar ao homem a ideia de tomar aquela direção e sugerir-lhe depois a de se apoderar da importância achada, enquanto outros lhe sugerem a de restituir o dinheiro ao seu legítimo dono. O mesmo se dá com relação a todas as demais tentações.”*

Kardec pergunta à Espiritualidade se os Espíritos que tentam nos induzir ao mal somente utilizam as circunstâncias à nossa volta para essa indução ou eles podem também criar situações para isso.

A Espiritualidade responde que eles fazem as duas coisas. Em geral eles se utilizam das situações à nossa volta. Porém, podem também criá-las de maneira que nos encontremos diante daquilo que despertam a cobiça em nós.

Em outras palavras: esses Espíritos podem, mesmo contra a nossa vontade, nos levar a situações onde estaremos diante de algo que desperte nossos vícios, nossas más inclinações.

A Espiritualidade dá um exemplo a Kardec: um homem que seja ganancioso pode ser induzidos pelos Espíritos que desejam sua queda a tomar um caminho no qual ele encontrará uma quantia em dinheiro. Sendo uma pessoa gananciosa, aquele homem ficará tentado a levar consigo o dinheiro em vez de tentar localizar a pessoa que o perdeu e devolver o dinheiro a ela.

Não foram os Espíritos que transportaram o dinheiro até o lugar onde aquele homem ganancioso estava. Eles sabiam da localização do dinheiro e induziram o homem a ir em direção àquela localização para que ele se visse tentando a recolher para si a quantia.

Esse exemplo dado pela Espiritualidade deixa bem claro o quanto somos vulneráveis às más influências, dado que carregamos inúmeras imperfeições. Existe uma infinidade de situações do nosso dia a dia nas quais podemos ser colocados diante de nossas tentações.

Não podemos nos esquecer de que somos tentados apenas em nossos vícios e más inclinações.

Lá em Mateus 4:1-11 está escrito que logo após ser batizado por João Batista no rio Jordão, Jesus é conduzido pelo Espírito Santo ao deserto, onde passa 40 dias e 40 noites em jejum. Nesse tempo de preparação, o diabo vem tentar Jesus em três ocasiões: primeiro, a transformar pedras em pão para saciar a fome; depois, a lançar-se do ponto mais alto do templo para provar a proteção de Deus; e, por fim, a receber todos os reinos do mundo em troca de adoração a Satanás — mas em todas respondeu com a Palavra de Deus, reafirmando sua fidelidade somente ao Pai.

Claro que isso é uma simbologia, mas ainda que fosse verdade, o diabo ou quem quer que represente o diabo, passaria toda a eternidade ali oferecendo a Jesus coisas que não despertariam no Mestre o menor interesse. Jesus venceu o mundo; não há absolutamente nada aqui que represente um desejo de conquista do Mestre.

Não é esse o nosso caso. Portanto, o que a Espiritualidade disse na resposta a Kardec é de grande importância para nós. Sabemos de nossas fraquezas, sabemos daquilo que desperta em nós desejos e sensações das quais queremos nos livrar.

Portanto, o esforço que empreendemos para vencer nossas más inclinações é fundamental para nos livrar do mal e promover nossa evolução espiritual.

**Possessos**

473. Pode um Espírito tomar temporariamente o invólucro corporal de uma pessoa viva, isto é, introduzir-se num corpo animado e obrar em lugar do outro que se acha encarnado neste corpo?

*“O Espírito não entra em um corpo como entras numa casa. Identifica-se com um Espírito encarnado, cujos defeitos e qualidades sejam os mesmos que os seus, a fim de obrar com ele. O encarnado é sempre quem atua, conforme quer, sobre a matéria de que se acha revestido. Um Espírito não pode substituir-se ao que está encarnado, por isso que este terá que permanecer ligado ao seu corpo até ao termo fixado para sua existência material.”*

Kardec pergunta o seguinte: é possível a um Espírito desencarnado apropriar-se temporariamente do corpo de um Espírito encarnado e utilizar aquele corpo como se fosse seu? Em outras palavras: pode um Espírito desencarnado entrar no corpo de uma pessoa e usar aquele corpo conforme deseja, anulando totalmente as ações do Espírito encarnado?

A resposta da Espiritualidade é categórica: não, isso não é possível. Um Espírito não pode tomar um corpo que não seja o seu, ainda que temporariamente, como alguém que entra em uma casa ou em um carro. O que acontece na verdade é que os dois Espíritos estabelecem uma sintonia baseada nos defeitos e qualidades comuns a ambos os Espíritos. O objetivo dessa sintonia é que, através dela, o Espírito desencarnado transmita ao Espírito encarnado - dono daquele corpo, vamos dizer assim - suas vontades e esse - o Espírito encarnado - atua sobre o corpo físico conforme as instruções do Espírito desencarnado.

Digamos então que eu crio sintonia com um Espírito desencarnado qualquer. Eu e esse Espírito temos gostos e tendências muito semelhantes. Esse Espírito quer utilizar o meu corpo para realizar alguma ação. Como nós já estamos sintonizados, ele transmite a mim suas vontades e eu, atuando sobre meu corpo físico, realizo as ações que aquele Espírito deseja.

Mas tem um ponto importantíssimo na resposta dada a Kardec: a Espiritualidade diz "*O encarnado é sempre quem atua, conforme quer, sobre a matéria de que se acha revestido".* Conforme quer. Isso significa que, por maior seja a sintonia estabelecida entre os dois Espíritos, a vontade do Encarnado sempre prevalece.

A Espiritualidade conclui a resposta dizendo que não é possível que um Espírito não pode substituir outro no uso da aparelhagem física porque essa substituição exigiria o completo rompimento dos laços do Espírito encarnado com o corpo, coisa que só se sucede por ocasião da morte.

As explicações que a Espiritualidade dá a Kardec nessa pergunta são o princípio básico da mediunidade. Diga-se de passsagem, quem não é espírita ou quem é, mas não estuda, pensa que os fenômenos mediúnicos ocorrem com o Espírito do médium abandonando completamente o corpo para que o Espírito comunicante se utilize dele ao bel prazer.

Se assim fosse, não haveria nenhuma necessidade de sintonia entre médium e Espírito, já que o médium apenas emprestaria seu corpo ao Espírito comunicante.

E a realidade é completamente diferente: às vezes são necessários anos de preparação para que um médium possa servir de instrumento a um determinado Espírito.

474. Desde que não há possessão propriamente dita, isto é, coabitação de dois Espíritos no mesmo corpo, pode a alma ficar na dependência de outro Espírito, de modo a se achar subjugada ou obsidiada ao ponto de a sua vontade vir a achar-se, de certa maneira, paralisada?

*“Sem dúvida e são esses os verdadeiros possessos, mas é preciso saibas que essa dominação não se efetua nunca sem que aquele que a sofre o consinta, quer por sua fraqueza, quer por desejá-la. Muitos epiléticos ou loucos, que mais necessitavam de médico que de exorcismos, têm sido tomados por possessos.”*

O vocábulo possesso, na sua acepção vulgar, supõe a existência de demônios, isto é, de uma categoria de seres maus por natureza, e a coabitação de um desses seres com a alma de um indivíduo, no seu corpo. Pois que, nesse sentido, não há demônios e que dois Espíritos não podem habitar simultaneamente o mesmo corpo, não há possessos na conformidade da ideia a que esta palavra se acha associada. O termo possesso só se deve admitir como exprimindo a dependência absoluta em que uma alma pode achar-se com relação a Espíritos imperfeitos que a subjuguem.

Bom, já que na resposta anterior a Espiritualidade esclareceu que não existe a posse completa do corpo físico por um Espírito desencarnado, Kardec quer saber se há casos em que o Espírito encarnado se encontre de tal maneira subordinado ao Espírito desencarnado, que sua vontade - no caso, a do Espírito encarnado - seja anulada.

A Espiritualidade responde que não há dúvidas quanto a isso, mas enfatiza uma vez mais que essa subjugação nunca acontece sem o consentimento ou a vontade do Espírito encarnado. Portanto, a possessão, conforme explicada pela Espiritualidade, só ocorre se o Espírito encarnado a permitir.

Diz ainda a Espiritualidade que muitos casos de loucura e epilepsia são interpretados equivocadamente como possessão e que não é de exorcistas que tais pessoas precisam; elas precisam de médicos. Ou seja: problemas de origem neurológica eram tratados como sendo de origem espiritual.

Na nota que Kardec adicionou à resposta da Espiritualidade, ele esclarece que a possessão não existe considerando o sentido mais popular que se dá à essa palavra. Isso porque ela pressupõe a existência de demônios e a capacidade do demônio coabitar o corpo físico do possesso.

A inexistência de demônios como seres à parte na criação e rivais diretos de Deus já foi provada em questões anteriores aqui mesmo em O Livro dos Espíritos. A impossibilidade de dois Espíritos habitarem o mesmo corpo físico foi demonstrada nas perguntas que acabamos de ler.

Portanto, na acepção mais comum do seu significado, a possessão simplesmente não existe.

Kardec esclarece então que o termo possesso só deve ser empregado para descrever os casos em que o Espírito encarnado encontra-se em total dependência de um ou mais Espíritos imperfeitos que o subjuguem.

Sobre esse grau de subordinação a quem um Espírito se submete, Kardec vai nos esclarecer detalhadamente lá na segunda parte de O Livro dos Médiuns, no capítulo XXIII intitulado "Da obsessão" onde ele fala da obsessão simples, da fascinação e da subjugação.

Não vamos entrar nesse tópico aqui já que nosso estudo não é sobre O Livro dos Médiuns, mas fica a referência para quem quiser se aprofundar no tema.

475. Pode alguém por si mesmo afastar os maus Espíritos e libertar-se da dominação deles?

*“Sempre é possível, a quem quer que seja, subtrair-se a um jugo, desde que com vontade firme o queira.”*

A pergunta de Kardec é bem direta: pode o homem por si só, libertar-se da má influência e da dominação que os maus Espíritos porventura exerçam sobre ele?

Podemos nós mesmos romper os laços que nos unem a Espíritos inferiores ou isso só se alcança com o auxílio e a intervenção de outros?

Responde a Espiritualidade que é perfeitamente possível esse rompimento por nós mesmos, mas isso exige nossa vontade firme.

Anteriormente a Espiritualidade nos disse que a possessão só se dá pela vontade e permissão do Espírito encarnado. Se essa vontade permite a criação dos laços com Espíritos inferiores, é ela também que permite o rompimento desses laços.

Entretanto, é preciso levar em conta o nível da subjugação ao qual o Espírito encarnado se encontra. Quanto mais subordinado ele estiver aos Espíritos inferiores, mais difícil se torna para ele libertar-se sozinho dessa subordinação.

Nos casos mais graves faz-se necessária a intervação e auxílio de Espíritos superiores, pois o Espírito encarnado não encontra em si mesmo a força necessária para se ver livre da influência que sofre.

476. Pode acontecer que a fascinação exercida pelo mau Espírito seja de tal ordem que o subjugado não a perceba? Sendo assim, poderá uma terceira pessoa fazer que cesse a sujeição da outra? E, nesse caso, qual

deve ser a condição dessa terceira pessoa?

*“Sendo ela um homem de bem, a sua vontade poderá ter eficácia, desde que apele para o concurso dos bons Espíritos, porque, quanto mais digna for a pessoa, tanto maior poder terá sobre os Espíritos imperfeitos, para afastá-los, e sobre os bons, para os atrair. Todavia, nada poderá, se o que estiver subjugado não lhe prestar o seu concurso. Há pessoas a quem agrada uma dependência que lhes lisonjeia os gostos e os desejos. Qualquer, porém, que seja o caso, aquele que não tiver puro o coração nenhuma influência exercerá. Os bons Espíritos não lhe atendem ao chamado e os maus não o temem.”*

É muito interessante essa pergunta. Na questão anterior, Kardec praticamente fez a Espiritualidade confirmar que a localização do corpo físico não tem influência na capacidade da alma de ver.

Só que nessa pergunta, Kardec questiona sobre sensações físicas, tais como frio e calor, que chegam até o corpo físico sendo que a alma encontra-se distante.

Em outras palavras: a alma encontra-se em um lugar quente ou frio, lugar esse distante de onde está o corpo físico. Porém esse recebe as sensações do ambiente onde se encontra a alma. A pergunta de Kardec é exatamente essa: por quê isso acontece?

Em resposta a Espiritualidade diz que, apesar de se encontrar distante, a alma permanece ligada ao corpo físico pelos laços que os unem e é através desses laços que as sensações recebidas pela alma chegam até o corpo físico.

A Espiritualidade faz até uma comparação dizendo que, duas pessoas que se encontram distantes, podem se comunicar através da eletricidade, transmitindo uma à outra seus pensamentos.

Muito provavelmente a Espiritualidade está se referindo às comunicações feitas através do telégrafo elétrico, equipamento de comunicação que existia desde 1840. O telefone convencional, embora funcione também através de impulsos elétricos, só foi inventado em 1876. O Livro dos Espíritos foi escrito em 1857. Portanto, ainda não existia o telefone.

Vale também nós nos recordarmos mais uma vez do Ensaio teórico da sensação nos Espíritos que estudamos lá na pergunta 257.

Lembram-se que o Kardec nos explicou detalhamente o complexo mecanismo de transmissão de sensações corpo físico -> perispírito -> espírito e vice-versa?

Então o que a Espiritualidade diz na resposta dada a Kardec corrobora o que ele nos explicou: como a alma permanece ligada ao corpo físico do sonâmbulo, as sensações recebidas por ela, onde quer que se encontre, são transmitidas ao corpo físico através do perispírito.

É a mesma coisa que acontece nos sonhos. Quando nós temos sonhos dos quais nos recordamos, é muito comum que fiquem registradas as impressões das experiências que tivemos na semi liberdade espiritual. Se o sonho foi bom, fica aquela sensação agradável; se foi ruim, nosso corpo se ressente daquilo que o espírito vivenciou.

É exatamente isso o que se dá com o sonâmbulo.

438. O uso que um sonâmbulo faz da sua faculdade influi no estado do seu Espírito depois da morte?

*“Muito, como o bom ou mau uso que o homem faz de todas as faculdades com que Deus o dotou.”*

Kardec questiona se o comportamento que o sonâmbulo tem quando em estado sonambúlico gera consequências na vida após a morte.

E a Espiritualidade responde que sim, o que o sonâmbulo faz tem grande influência no que sucede àquele Espírito quando ele retorna ao plano espiritual.

A Espiritualidade lembra a Kardec que a faculdade de sonambulismo é um dom e como todos os dons, precisamos prestar contas do que fizemos deles. O bom ou mau uso acarretarão suas consequências.

É preciso lembrar que, apesar da aparente inconsciência que o sonâmbulo apresenta durante o estado sonambúlico, o Espírito não está tolhido do seu livre arbítrio. Tudo o que ele faz é por sua escolha. Então, se o sonâmbulo faz mau uso de suas faculdades é porque assim ele quis.

De certa forma é o mesmo que ocorre conosco durante o sono físico. Enquanto nosso corpo repousa, o Espírito goza de uma semi liberdade; ele encontra-se momentaneamente mais livre para ir aos lugares e buscar as companhias que mais lhe agradam.

Se enquanto meu corpo repousa eu, Espírito, só vou a lugares de baixa vibração e busco a companhia de espíritos viciados e inferiores, não posso alegar inconsciência por ter feito essas escolhas. Não posso argumentar "Eu estava dormindo e não sabia o que estava fazendo".

Isso não é desculpa. É meu corpo que dorme. Eu, Espírito, agi de acordo com minhas vontades, meus gostos, minhas tendências.

Assim também acontece com o sonâmbulo. Por isso a Espiritualidade afirma que ele responderá pelo uso que fez de suas faculdades.

**Êxtase**

439. Que diferença há entre o êxtase e o sonambulismo?

*“O êxtase é um sonambulismo mais apurado. A alma do extático ainda é mais independente."*

Nessa pergunta Kardec introduz o assunto êxtase, perguntando qual é a diferença entre ele e o sonambulismo.

A Espiritualidade responde que o êxtase é uma espécie de sonambulismo aprimorado. O Espírito no estado de êxtase é ainda mais livre do que em estado sonambúlico.

No sonambulismo, o espírito se desprende do corpo, mas geralmente permanece próximo ao plano material ou em regiões espirituais mais ligadas à Terra. Ele pode perceber coisas do mundo físico, visitar lugares, pessoas, mas ainda é uma experiência muito próxima à realidade terrena.

Já no êxtase, o desprendimento é muito mais profundo. O espírito se desliga quase completamente do corpo físico e, por isso, pode alcançar planos espirituais superiores, ter contato com espíritos elevados, visitar regiões de luz, paz e harmonia, e experimentar uma felicidade indescritível, muitas vezes não querendo mais retornar ao corpo.

440. O Espírito do extático penetra realmente nos mundos superiores?

*“Vê esses mundos e compreende a felicidade dos que os habitam, donde lhe nasce o desejo de lá permanecer. Há, porém, mundos inacessíveis aos Espíritos que ainda não estão bastante purificados."*

Nessa pergunta, Kardec nos apresenta uma das características do êxtase: a capacidade de adentrar mundos superiores. E ele questiona à Espiritualidade se isso é de fato, uma condição do Espírito extático.

Responde a Espiritualidade que sim, o extático vê esses mundos, vê que os espíritos que lá habitam são felizes e deseja viver lá também. Porém, a Espiritualidade reforça algo que já havia sido explicado anteriormente: os mundos superiores não estão acessíveis a quaisquer espíritos. Somente espíritos com grau de evolução compatível com aquele mundo podem adentrá-lo.

441. Quando o extático manifesta o desejo de deixar a Terra, fala sinceramente, não o retém o instinto de conservação?

*“Isso depende do grau de purificação do Espírito. Se verifica que a sua futura situação será melhor do que a sua vida presente, esforça-se por desatar os laços que o prendem à Terra.”*

Pela pergunta de Kardec podemos deduzir que pessoas que viveram experiências de êxtase manifestaram seu desejo de deixar a Terra e ir em definitivo para os mundos superiores que elas visitaram.

E Kardec pergunta justamente isso: esse desejo é real? O extático realmente gostaria que sua existência aqui na Terra chegasse ao fim para que ele pudesse ir viver em outro mundo? O instinto de preservação da vida não falaria mais alto e ele, em última instância, acabaria escolhendo permanecer na Terra?

A Espiritualidade responde que essa decisão depende do grau de evolução do Espírito. Se ele for evoluído o bastante para entender que realmente será mais feliz no mundo que visitou, então vai de fato se esforçar para desvencilhar-se dos laços que o prendem à vida terrena.

442. Se se deixasse o extático entregue a si mesmo, poderia sua alma abandonar definitivamente o corpo?

*“Perfeitamente, poderia morrer. Por isso é que preciso se torna chamá-lo a voltar, apelando para tudo o que o prende a este mundo, fazendo-lhe sobretudo compreender que a maneira mais certa de não ficar lá, onde vê que seria feliz, consistiria em partir a cadeia que o tem preso ao planeta terreno.”*

Traduzindo a pergunta de Kardec: se dependesse exclusivamente do extático, o Espírito poderia de fato desligar-se em definitivo do corpo físico? Em outras palavras: ele poderia morrer?

A Espiritualidade responde que sim, há esse risco e para evitar que isso aconteça, é fundamental chamar o Espírito, trazê-lo de volta à realidade, fazê-lo compreender que, encerrar voluntariamente a atual existência na Terra é justamente a ação que vai impedí-lo de viver no lugar feliz que ele almeja.

Isso seria suicídio. Há pouco nós vimos a Espiritualidade dizer que o sonâmbulo responderá, quando desencarnar, pelo o bom ou mau uso que fez do seu dom. Se é assim com o sonâmbulo, por que haveria de ser diferente com o extático?

Nós sabemos que infelizmente muitas pessoas suicidam na esperança de reencontrarem entes queridos que desencarnaram antes delas. E os relatos que esses suicidas nos trazem mostram uma realidade completamente diferente.

Muitas vezes o reencontro entre o ente querido que desencarnou e aquele que aqui permanece encarnado já estava programado para acontecer. Bastaria para isso o desencarne natural daquele que aqui permanece.

Mas, a incapacidade de esperar que o reencontro acontecesse no tempo correto e de maneira natural, fez com que aquele que aqui permaneceu cometesse o suicídio. Isso adia o reencontro por prazo indeterminado. E não apenas isso; acarreta um sofrimento enorme para todos.

Seria essa a situação do extático que abandonasse deliberadamente o corpo físico para ir viver no mundo feliz que pode visitar: o ato de encerrar a própria existência física o colocaria distante do seu objetivo, algo que talvez fosse concedido a ele caso desencarnasse de maneira natural.

443. Pretendendo que lhe é dado ver coisas que evidentemente são produto de uma imaginação que as crenças e prejuízos terrestres impressionaram, não será justo concluir-se que nem tudo o que o extático vê é real?

*“O que o extático vê é real para ele, mas como seu Espírito se conserva sempre debaixo da influência das ideias terrenas, pode acontecer que veja a seu modo, ou melhor, que exprima o que vê numa linguagem moldada pelos preconceitos e ideias de que se acha imbuído, ou, então, pelos vossos preconceitos e ideias, a fim de ser mais bem compreendido. Neste sentido, principalmente, é*

*que lhe sucede errar.”*

Kardec pergunta à Espiritualidade se não seria prudente não acreditar em tudo o que o extático diz ter visto. O argumento utilizado por Kardec é que a imaginação do extático é influenciada por crenças e ideias pré-concebidas e que, portanto, os relatos estariam influenciados por essas questões e não representariam a realidade do que ele realmente viu.

A Espiritualidade responde ainda que o extático não mente a respeito do que ele vê. O que pode acontecer é que ele não descreva exatamente aquilo que viu e que há 2 possíveis causas para isso.

A primeira é justamente o argumento apresentado por Kardec na pergunta: influenciado pelo meio terreno, pelas crenças e ideias pré-concebidas, o extático só consegue descrever aquilo que vê sob essa perspectiva.

A segunda causa viria da incapacidade de compreensão daqueles a quem o extático fala. Ele tem a compreensão correta daquilo que viu, mas não pode falar com clareza a quem o ouve porque as pessoas não conseguiriam compreendê-lo. Nesse caso o extático descreveria aquilo que viu valendo-se de uma linguagem ou utilizando termos que seus ouvintes tenham condições de compreender. A deficiência de compreensão não residiria no extático e, sim, naqueles a quem ele fala.

Podemos fazer uma comparação para entender essa segunda possibilidade. Imagine uma pessoa extremamente culta e que domina um vocabulário muito rico. Se essa pessoa tiver que explicar algo a pessoas humildes, simples, muitas vezes sem estudo, para se fazer compreender ela terá que utilizar um vocabulário pobre e talvez até vulgar.

Então, não é a pessoa culta que perdeu seu intelecto ou seu vocabulário; ela precisou abdicar disso para conseguir transmitir a mensagem a pessoas que não a entenderiam se ela se utilizasse da linguagem mais rica, mais elaborada.

Enfim, seja pela primeira, seja pela segunda hipótese, a Espiritualidade afirma que essas são as principais causas dos erros cometidos pelos extáticos em suas revelações.

444. Que confiança se pode depositar nas revelações dos extáticos?

*“O extático está sujeito a enganar-se muito frequentemente, sobretudo quando pretende penetrar no que deva continuar a ser mistério para o homem, porque, então, se deixa levar pela corrente das suas próprias ideias, ou se torna joguete de Espíritos mistificadores, que se aproveitam da sua exaltação para fasciná-lo.”*

Kardec já havia feito uma pergunta semelhante a essa referente aos sonâmbulos. Ele quer saber quão confiáveis são as revelações feitas por extáticos.

Por tudo o que a Espiritualidade já nos falou a respeito do êxtase, podemos deduzir que os extáticos são Espíritos com um certo grau de elevação. Afinal de contas, a ninguém é permitido visitar regiões mais felizes se o Espírito não possuir méritos para tal. Se em estado de êxtase o Espírito vai a planos superiores, é porque esse Espírito tem méritos para isso.

No entanto, a resposta da Espiritualidade nessa pergunta deixa claro que, apesar desse certo grau de elevação, o extático não está isento de falhar em suas relevações, principalmente quando ele tenta penetrar em questões que estão além de seu alcance.

Quando isso acontece, o extático dá revelações contaminadas por suas próprias ideias - que nesse caso não exprimem a realidade - , ou ainda sob influência de Espíritos mistificadores que tiram proveito da fraqueza do extático.

Se analisarmos com frieza veremos que o extático falha por orgulho. Se ele se mantivesse humilde, falando apenas daquilo que realmente viu sem querer ir além, não falaria daquilo que não conhece e não se tornaria vítima de Espíritos mistificadores.

Então, em muitas ocasiões, a imprecisão nas revelações do extático são resultado de sua imperfeição moral.

445. Que deduções se podem tirar dos fenômenos do sonambulismo e do êxtase? Não constituirão uma espécie de iniciação na vida futura?

*“A bem dizer, mediante esses fenômenos, o homem entrevê a vida passada e a vida futura. Estude-os e achará o aclaramento de mais de um mistério, que a sua razão inutilmente procura devassar.”*

Aqui Kardec pergunta se os desdobramentos vividos e relatados tanto por sonâmbulos quanto por extáticos não são um prenúncio do que virá a ser a vida no mundo espiritual.

A Espiritualidade responde que essas experiências não são apenas uma visão do futuro, mas também uma recordação do que aconteceu no passado.

Diz ainda que, se estudássemos esses fenônomenos com seriedade e, obviamente livres de orgulho e ideias pré-concebidas, encontraríamos a solução para grande número de mistérios sobre a vida, mistérios esses que não podem ser resolvidos somente com a razão comum que o homem geralmente utiliza para tentar esclarecer tudo.

446. Poderiam tais fenômenos adequar-se às ideias materialistas?

*“Aquele que os estudar de boa-fé e sem prevenções não poderá ser materialista, nem ateu.”*

Kardec questiona se o materialismo seria capaz de explicar os fenômenos de sonambulismo e do êxtase. Não podemos nos esquecer que Kardec refere-se à explicações lógicas, racionais, quase que científicas. Explicações embasadas nos mesmos critérios que ele, Kardec, sempre utilizou em seus estudos.

A Espiritualidade diz que, qualquer um que estude seriamente o sonambulismo e o êxtase, sem resistências, sem preconceito e sem ideias pré-concebidas não permanecerá materialista ou ateu.

Em outras palavras: esses fenômenos provam, não apenas a continuidade da vida após a morte física, mas também a existência de Deus.

**Dupla vista**

447. O fenômeno a que se dá a designação de dupla vista tem alguma relação com o sonho e o sonambulismo?

*“Tudo isso é uma só coisa. O que se chama dupla vista é ainda resultado da libertação do Espírito, sem que o corpo seja adormecido. A dupla vista ou segunda vista é a vista da alma.”*

Essa é a primeira de uma série de perguntas relacionadas ao termo dupla vista. Kardec deseja saber se a dupla vista tem alguma relação com o sonho e o sonambulismo.

A Espiritualidade responde que é tudo uma só coisa: a dupla vista é a capacidade que a alma tem de ver durante sua emancipação, sem que o corpo esteja adormecido.

Chamou minha atenção na resposta da Espiritualidade justamente essas palavras:

... *sem que o corpo esteja adormecido.*

Nos casos de sonambulismo e êxtase, de fato o corpo físico não se encontra em repouso (no sonambulismo o corpo não está em repouso porque o Espírito se utiliza dele para falar e interagir com o meio à sua volta), mas não é esse o caso dos sonhos, onde o corpo físico encontra-se definitivamente em repouso.

Então, o mais provável é que a intenção da Espiritualidade foi deixar claro que, a alma tem a capacidade de ver ainda mesmo quando o corpo físico não esteja em repouso.

Podemos entender da seguinte maneira: a dupla vista pode acontecer também enquanto o corpo físico repousa, mas não acontece exclusivamente enquanto o corpo físico repousa.

448. É permanente a segunda vista?

*“A faculdade é, o exercício não. Nos mundos menos materiais do que o vosso, os Espíritos se desprendem mais facilmente e se põem em comunicação apenas pelo pensamento, sem que, todavia, fique abolida a linguagem articulada. Por isso mesmo, em tais mundos, a dupla vista é faculdade permanente, para a maioria de seus habitantes, cujo estado normal se pode comparar ao dos vossos sonâmbulos lúcidos. Essa também a razão por que esses Espíritos se vos manifestam com maior facilidade do que os encarnados em corpos mais grosseiros.”*

Kardec deseja saber se a capacidade da dupla vista é permanente e a Espiritualidade responde que sim, a capacidade é permanente, mas o uso prático dela não.

Nós estamos estudando o capítulo intitulado "Da emancipação da alma", que trata de aptidões e fenômenos que permitem à alma crescer, expandir, ampliar no sentido moral. E se estamos falando de aspectos morais, eles são sempre suscetíveis de variar de acordo com o comportamento do Espírito.

Assim como acontece com a mediunidade, uma queda no padrão moral do Espírito pode fazer com que o uso da dupla vista seja temporariamente suspenso.

Na resposta dada a Kardec a Espiritualidade esclarece as aptidões da alma que aqui na Terra só se manifestam em Espíritos mais evoluídos, nos mundos menos materiais que o nosso essas aptidões são praticamente inatas aos Espíritos que lá habitam.

Em tais mundos a comunicação, por exemplo, é feita na maior parte do tempo pelo pensamento, embora ainda possa ser utilizada a palavra articulada. Enquanto aqui na Terra a comunicação por pensamento é uma exceção, nos mundos mais elevados ela é a regra.

Da mesma forma, o uso da dupla vista lá é comum para a maioria dos habitantes, ao passo que aqui esse uso ostensivo só é encontrado em sonâmbulos lúcidos.

A Espiritualidade conclui dizendo que Espíritos desses mundos mais elevados conseguem se comunicar conosco de maneira mais fácil do que o faria o Espírito de um encarnado em um corpo mais grosseiro.

449. A segunda vista aparece espontaneamente ou por efeito da vontade de quem a possui como faculdade?

*“As mais das vezes é espontânea, porém, a vontade também desempenha com grande frequência importante papel no seu aparecimento. Toma, para exemplo, de umas dessas pessoas a quem se dá o nome de ledoras da buena-dicha, algumas das quais dispõem desta faculdade, e verás que é com o auxílio da própria vontade que se colocam no estado de terem a dupla vista e o que chamas visão.”*

Kardec pergunta o seguinte: nas pessoas que possuem o dom da segunda vista ou dupla vista, esse dom se manifesta de maneira natural ou ele ocorre como consequência do desejo da pessoa?

A Espiritualidade esclarece que na maioria das vezes o dom se manifesta de maneira espontânea, mas a vontade da pessoa tem um papel fundamental no fenômeno da dupla vista. E dá como exemplo as pessoas conhecidas como "ledoras da buena-dicha".

Bom, eu tive que pesquisar o que esse termo miserável de feio significa.

O termo “ledora de buena-dicha” é uma expressão antiga de origem espanhola, que pode ser traduzida literalmente como “leitora de boa-sorte”. Era utilizada, principalmente nos séculos XVIII e XIX, para designar pessoas — geralmente mulheres — que se dedicavam à prática de adivinhação da sorte, ou seja, que liam a sorte das pessoas.

O que a Espiritualidade quis dizer a Kardec é que algumas dessas pessoas, chamadas ledoras de buena-dicha, possuíam a capacidade da dupla vista. Durante seus trabalhos de adivinhação, elas, pela própria vontade, faziam com que essa faculdade se manifestasse, o que, de certa forma, lhes permitia acertar nos prognósticos de suas adivinhações.

450. A dupla vista é suscetível de desenvolver-se pelo exercício?

*“Sim, do trabalho sempre resulta o progresso e a dissipação do véu que encobre as coisas.”*

Basicamente, o que Kardec está perguntando é se, com a prática, a dupla vista pode se desenvolver. Aqui é importante observarmos que Kardec não pergunta sobre a aquisição da dupla vista, mas sim sobre seu desenvolvimento. Ou seja, uma pessoa que já é dotada dessa faculdade pode aprimorá-la por meio da prática.

A Espiritualidade responde que sim, enfatizando o mérito de quem consegue desenvolver essa faculdade pela prática. Por que mérito? Porque se trata de uma faculdade que, para ser desenvolvida, exige uma conduta moral reta. Portanto, se alguém consegue desenvolver a dupla vista, isso significa que essa pessoa também alcançou certo progresso moral. É por isso que a resposta afirma que esse desenvolvimento contribui para dissipar o véu que encobre as coisas.

a) Esta faculdade tem qualquer ligação com a organização física?

*“Incontestavelmente, o organismo influi para a sua existência. Há organismos que lhe são refratários.”*

Kardec deseja saber se existe relação entre a faculdade da dupla vista e a organização física.

Como seria de se esperar, a Espiritualidade responde que não há a menor dúvida quanto a essa relação. Por que digo que era de se esperar essa resposta? Porque a dupla vista é um tipo de mediunidade, e sabemos que toda mediunidade, seja qual for, só se manifesta em organismos físicos compatíveis com aquele tipo específico de faculdade.

A Espiritualidade vai além e afirma que existem organismos físicos incompatíveis com a faculdade da dupla vista. Nessas pessoas, essa faculdade jamais se manifestará.